

Pensar contemporaneamente a museologia

Judite Santos Primo*

1- APRESENTAÇÃO

No presente trabalho pretendemos analisar cinco documentos básicos que traduzem o Pensar Museológico no nosso século e que, principalmente, levaram os profissionais da área a aplicar esta “ciência” de forma menos hermética e a entender a sua prática.

A opção em estudá-los e analisá-los, deve-se ao facto destes documentos influenciarem a prática e o pensar museológico actual. É impossível, nos dias actuais, falar de museologia sem referir um destes documentos, até mesmo porque estes levaram a elaboração de vários outros documentos, isso sem falarmos de algumas nações que até mesmo modificaram e/ou criaram leis específicas para a gestão da sua política cultural, preservacionista.

De qualquer modo, temos consciência que este trabalho apenas se propõe fazer uma abordagem preliminar dos documentos, na medida em que a riqueza de seu conteúdo permitiria que nos atardássemos sobre toda uma infinidade de questões que eles levantam.

Refiro-me especificamente aos documentos produzidos no Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus ocorrido no Rio de Janeiro no ano de 1958, na Mesa Redonda

* Professora Assistente da ULHT na disciplina de Museologia e Museologia e Património nos cursos de Gestão de Empresas Turísticas e Hoteleiras e Ciências da Comunicação e da Cultura

de Santiago do Chile em 1972, no *I Atelier Internacional da Nova Museologia* na cidade de Quebec no Canadá realizado em 1984, na *Reunião de Oaxtepec* ocorrida no México em 1984 e na *Reunião de Caracas* na Venezuela em 1992. Documentos que foram elaborados no seio do ICOM – Concelho Internacional de Museologia.

Os documentos acima referidos, são o resultado da reflexão conjunta de profissionais que buscam a evolução de ideias na sua área de actuação, reconhecendo que para isto ocorrer faz-se necessário sair do casulo das suas instituições museológicas e tentar discutir com os profissionais das áreas afins os seus avanços conceituais, sendo importante estarem capacitados para reutilizarem estes avanços nas suas áreas de actuação. É o reconhecimento da importância da interdisciplinaridade para o contexto museológico.

Esses documentos possuem uma característica em comum: todos eles foram elaborados e produzidos no Continente Americano. E se pretendemos entender a importância desses documentos para a evolução do conceito e da prática da museologia no século XX, não se pode esquecer todo o percurso histórico do Continente Americano, todo ele marcado pela colonização dos povos ameríndios. O processo de colonização resultou na mistura de raças, com suas diferentes culturas e tradições, assim como em alguns momentos também foi marcado pela barbárie, pela destruição de civilizações e de tradições.

Todos esses factores devem ser lembrados quando nos propomos analisar documentos que tanto questionam dogmas, visto que muitos destes dogmas foram criados e fortificados pela civilização europeia, colonizadora do Continente Americano.

Exceptuando a DECLARAÇÃO DE QUEBEC que ocorreu na América do Norte, todas as demais declarações foram elaboradas na América Latina com participação quase que exclusiva de profissionais latino-americanos.

A América Latina marcada historicamente pelos conflitos sociais, económicos, ideológicos e o crescente fosso que separa os seus países, actualmente subdesenvolvidos, dos países desenvolvidos do restante do planeta, procurou através dos profissionais da área da museologia apontar problemas existentes nas áreas culturais/educativas/sociais e até mesmo económicas e indicar caminhos para os solucionar ou no mínimo amenizar algumas das questões no âmbito da Museologia.

Para uma análise mais aprofundada destes documentos, foi realizado no ano de 1995 em São Paulo o Seminário: “*A Museologia Brasileira e o ICOM: Convergências ou desencontros?*”, que tinha por objectivo debater a assimilação ou não de suas directrizes pelas instituições museológicas brasileiras.

Em contexto, foi elaborado um documento preparatório para o referido Seminário que continha os 05 documentos produzidos entre os anos de 1958 e 1992, já referenciados acima, documentos estes produzidos em reuniões de trabalho que contaram com a participação de profissionais de diferentes gerações, áreas científicas e nacionalidades. Estes documentos traduzem aspectos fundamentais do pensamento museológico contemporâneo.

2- CONTEÚDO DOS DOCUMENTOS

1958 Rio de Janeiro.

SEMINÁRIO REGIONAL DA UNESCO SOBRE A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS MUSEUS

“O museu pode trazer muitos benefícios à educação. Esta importância não deixa de crescer. Trata-se de dar à função educativa toda a importância que merece, sem diminuir o nível da instituição, nem colocar em perigo o cumprimento das outras finalidades não menos essenciais: conservação física, investigação científica, deleite, etc. ”

*Seminário Regional da UNESCO sobre a função
Educativa dos Museus. 1958*

O documento estabelece um objectivo de estudo para a museologia: *o objecto museológico*, entendido como o objecto artístico, histórico e tridimensional. Dá ênfase a função educativa dos museus, entendendo que a educação exercida é a formal; reconhece o museu como se fosse uma extensão da escola.

Dedica grande atenção para a exposição museográfica, criticando a museografia utilizada nos museus da época devido ao excesso de etiquetas e cartazes na exposição: “a exposição não é um livro”. Aproveita para enfatizar o carácter didáctico da exposição. Buscando alternativas para os problemas expositivos, sugere que o museu se aproprie das novas tecnologias para comunicar.

Refere também, a importância da formação profissionais para a área da museologia e sugere a criação de cursos específicos. Coloca vários questionamentos sobre os diferentes tipos de museus e suas especialidades.

1972 Chile.

MESA REDONDA DE SANTIAGO

“ ... o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na acção, situando suas actividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas actuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais.”

Mesa Redonda de Santiago do Chile – 1972.

O Documento define um novo conceito de acção dos museus: **O Museu Integral**, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural. Com este novo conceito de museu, a instituição passa a ser entendida enquanto instrumento de mudança social, enquanto instrumento para o desenvolvimento e enquanto acção. Passando assim a trabalhar com a perspectiva de património global

A função do museu passa a ser entendida para além da recolha e conservação de objectos, pois a instituição passa a ser vista como agente de desenvolvimento comunitário, exercendo um papel decisivo na educação da comunidade. Assume uma função social para o museu.

Trata da importância da interdisciplinaridade no contexto museológico, falando em abrir os museus às disciplinas afins, para que a instituição se aperceba do desenvolvimento antropológico, sócio- económico e tecnológico das nações da América Latina.

Entende que o museu se tem por vezes transformado num centro de pesquisa, na medida em que torna suas colecções acessíveis aos pesquisadores.

Trata especificamente do problema do museu em relação ao meio rural, ao meio urbano, ao desenvolvimento científico e técnico, a educação permanente na medida em que se acredita na potencialidade da instituição em servir de vector de conscientização dos problemas da e na comunidade. Neste contexto o museólogo é entendido enquanto ser político e social.

Ao falar da importância em se modernizar as técnicas museográficas, diz ser necessário uma descentralização da acção museológica por meio de exposição itinerante.

Recomenda a criação de cursos de formação de técnicos de museus (nível secundário e universitário)

1984 Canadá

DECLARAÇÃO DE QUEBEC

“ A museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que estes objetivos, para melhor inserir sua acção naquelas ligadas ao meio humano e físico.”

Declaração de Quebec – 1984

O atêlie evoluiu da ideia de novas formas de museologia até o reconhecimento de um novo movimento museológico no qual estas novas formas de acção museológica se legitimam: trata-se do **Movimento da Nova Museologia** que viria a ser formalizado no ano seguinte em Lisboa durante o **II Encontro Internacional – Nova Museologia/ Museus Locais, sobre a denominação de Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM)**, organização que dois anos depois foi reconhecida como Instituição Afiliada ao Conselho Internacional de Museus (ICOM).

O essencial para a Nova Museologia, era aprofundar as questões da interdisciplinaridade no domínio da museologia facto que contrariava o saber isolado, absoluto e redutor da museologia tradicional instituída, deixando desta forma espaço para uma maior reflexão crítica.

Fala-se da existência de uma museologia de carácter social em oposição a uma museologia de colecções. Cria uma dicotomia entre **A Nova Museologia X A Tradicional**

A investigação e a interpretação assumiam importância no contexto museológico. O objectivo da museologia deveria ser, a partir deste momento, o desenvolvimento comunitário e não só a preservação de artefactos materiais de civilizações passadas.

Fala sobre a museologia que se deve manifestar em sociedade de forma global e, para tanto é necessário que esta ciência se preocupe com questões sociais, culturais e económicas.

1984 México

DECLARAÇÃO DE OAXTEPEC

“La participación comunitaria evita las dificultades de comunicación, característica del monólogo museográfico emprendido por el especialista, y recoge las tradiciones y la memoria colectivas, ubicándolas el lado del conocimiento científico.”

Declaração de Oaxtepec – 1984.

Neste documento é considerada indissolúvel a relação: **território- património- comunidade**; e propõe que a museologia, seja ela a Nova ou Tradicional, leve o homem a confrontar-se com a realidade por meio de elementos tridimensionais, representativos e simbólicos. Para tanto é necessário o diálogo e participação comunitária, evitando o monólogo do técnico especialista.

Mostra que existe uma dicotomia entre **Velha e Nova** Museologia.

Defende a preservação *in situ* e, justifica essa ideia com o argumento de que ao retirar o património do seu contexto, modifica-se a ideia original. A defesa da preservação *in situ* se deve ao fato de considerar o espaço territorial como área museográfica.

Amplia-se a ideia de património cultural, passando a entendê-lo através de uma visão integrada da realidade. Com isso indica que a museologia não pode mais se manter isolada, não pode mais se dissociar das descobertas e avanços científicos, dos problemas sociais, económicos e políticos.

A museologia é reafirmada como vector de desenvolvimento comunitário e, propõe se que esta capacite a comunidade para gerir suas instituições culturais.

1992 Venezuela.

DECLARAÇÃO DE CARACAS.

“A função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação que explica e orienta as actividades específicas do museu, tais como a colecção, conservação e exibição do património cultural e natural. Isto significa que os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interacção da

comunidade com o processo e com os produtos culturais.”

Declaração de Caracas – 1992.

Analisa a actual situação dos Museus da América Latina, estabelecendo um perfil das mudanças sócio/políticas, económicas e tecnológicas nos últimos 20 anos da América Latina e a transformação conceptual e operacional nas instituições museológicas.

Entende que os museus da América Latina têm como desafio a relação do museu com a Comunicação, o Património, a Liderança, a Gestão e os Recursos Humanos. Redefine o conceito trabalhado na Mesa Redonda de Santiago, o de Museu Integral para o conceito de Museu Integrado na Comunidade.

Recomenda a reformulação das políticas de formação de colecções, de conservação, de investigação, de educação e de comunicação, tudo isso em função de se estabelecer uma significativa relação com a comunidade.

Propõe que o museu assuma a sua responsabilidade como gestor social, através de propostas museológicas que reflectam os interesses da comunidade e utilizem uma linguagem comprometida com a realidade, sendo esta a única forma de transforma-la.

3- UMA REFLEXÃO ACÊRCA DOS DOCUMENTOS

*“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança.
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidade.”*

Luis de Camões

As conclusões do Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, ocorrido no ano de 1958 no Rio de Janeiro, é o primeiro dos documentos que abordamos neste trabalho.

Lembremos que o Seminário ocorreu no Brasil, país fruto da assimilação cultural entre povos distintos –índios, europeus e, africanos- chegando-se ao século XX com relativa sedimentação dessas culturas, formadoras duma identidade nacional continuamente enriquecida por novos elementos.

As Décadas de 50 e 60 foram marcadas no cenário brasileiro pelas reformas trabalhistas do Governo de Vargas, a modernização do tecido industrial (a criação da Companhia Nacional de Electricidade é disso um exemplo simbólico), as mudanças políticas que sucederam ao suicídio do Presidente Getúlio Vargas, a construção da cidade de Brasília que objectivava um certo renascer de um Brasil cheio de “*potencialidades*” com a posterior transferência da Capital Federal e, o Golpe de 1964 que instalou no país um regime militar ditatorial.

No contexto mundial é o momento em que se iniciam a generalidade dos processos de descolonização, a realização da Conferência de Bandung dos Países não Alinhados em 1955, reforço

do movimento Comunista na China, nos Países do Leste Europeu e em Cuba, o processo de modernização da indústria na Europa, do desenvolvimento das organizações sindicais e, do reforço das ditaduras na América Latina.

O entendimento do Património Cultural em geral reflecte as sequelas do pós-guerra. Como legado deste período ressalta o facto, por todo lado patente, que grande parte do património arquitectónico e monumental estavam destruídos, isso sem falarmos das pilhagens de obras-de-arte entre países, e o desenvolvimento do comércio de arte. Neste contexto ocorre a criação do Conselho Internacional dos Museus, o ICOM, sob a protecção da UNESCO.

Reflectindo esta situação, vários profissionais se reúnem em 1958 para discutir a função educativa dos Museus, e consideram que o espaço do museu é adequado para se exercer a **educação formal**, facto novo no pensamento museológico da época.

No Documento do Rio de Janeiro, a educação no museu ainda é vista como uma extensão da escola e não como uma agente de transformação social. O pensamento de Paulo Freire só mais tarde viria a interessar o mundo dos museus. O mesmo Documento preocupa-se profundamente com a exposição museológica e os recursos que o museu utiliza para se comunicar com o público.

Quarenta anos após o Seminário e a realização deste Documento, muitos dos aspectos abordados naquele momento sofreram profundas transformações que levaram ao “envelhecimento” do mesmo, mas devemos reconhecer que ele foi fundamental para a época na qual foi produzido por ir ao encontro dos anseios de muitos profissionais da museologia, insatisfeitos com os limites que a

museologia tradicional lhes impunha. O Seminário foi importante na medida que levantou problemas que posteriormente levariam a transformação do museu em agente de desenvolvimento.

Durante a Década de 70 a América Latina foi marcada pelas ditaduras militares. Um clima tenso se estabelecia por todo o lado em virtude de grande parte da população se opor ao regime ditatorial e buscar a institucionalização de Regimes mais democráticos. Ao lutar pela adopção do sistema democrático, o que se pretendia era a melhoria nas condições económicas e sociais e, a possibilidade de se manifestar politicamente, questões relacionadas com o exercício da cidadania.

A Declaração de Santiago, realizada no Chile em 1972 pode ser considerada como a primeira reunião interdisciplinar, preocupada com a interdisciplinaridade no contexto museológico e, voltada para a discussão do papel do museu na sociedade.

Este Documento propõe, que a relação que o homem estabelece com o Património cultural passe a ser estudada pela museologia, e que o museu seja entendido como instrumento e agente de transformação social.

Ao museólogo começa a ser cobrado um posicionamento político/ ideológico, pois enquanto profissional que trabalha numa instituição que tem por objectivo o desenvolvimento social, ele é agora entendido como um ser político.

A preocupação com a acção educativa dos museus é uma realidade que se intensifica nos países americanos a partir da década de 70. Período em que a Educação também passa por modificações devido a novas correntes pedagógicas. É também um momento em

que os educadores passam a procurar as instituições museológicas como uma extensão da escola, surgindo com isso os sectores educativos que em sua maioria, anteriormente, se preocupavam apenas com a formação de monitores, elaboração de material didáctico e a marcação de visitas guiadas

No seio desta nova corrente há agora um olhar mais atento sobre os novos processos pedagógicos e a busca pela adequação destes processos nas acções educativas e culturais de cunho museológico.

É a partir da Declaração de Santiago que a comunidade museológica, já não pode ignorar que o museu começa a ter um papel decisivo na educação da comunidade e a ser agente de desenvolvimento. Por entender que a maior potencialidade dos museus é a sua acção educativa e a educação verdadeira é aquela que serve à libertação, questionamento e reflexão é que as novas correntes da museologia, após esta Declaração, se aportou do método pedagógico defendido por Paulo Freire, que entende a educação como prática da liberdade e constrói a teoria da Educação Dialógica e Problematicadora na qual a relação educador- educando é horizontal, ou seja: acredita-se que a partir do diálogo e da reflexão os homens se educam em comunhão.

“Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE. 1987:69).¹

¹, Paulo FREIRE. *Extensão ou comunicação.*, Paz e Terra, 18ª ed. 1987.

A Teoria da acção educativa dialógica, com a qual a museologia contemporânea tanto tem evoluído, baseia-se na colaboração, união pela libertação, e na negação da educação “bancária”. Sendo desta forma uma vertente da educação que compreende o homem como um ser participativo que busca em colaboração e união com os outros indivíduos a emersão das consciências e do saber levando à inserção crítica da realidade, procura fundamentar-se no diálogo (como revelador da realidade), na criatividade e reflexão crítica (como exercício para a libertação). Esse pensar mais democrático da educação, coincide plenamente com o pensar museológico que se legitima após a Mesa Redonda de Santiago.

Vinte e seis anos após a sua elaboração, a Declaração da Mesa Redonda de Santiago do Chile, continua servindo de base para a elaboração de outros documentos. Pode-se dizer que neste Documento o Museu ainda mantém um papel determinante.

Ratificando essa ideia, Horta, ao analisar o documento produzido durante a Mesa Redonda de Santiago, nos diz que:

“A função do Museu no documento de Santiago, ainda postula a `intervenção` no meio social e no seu território, cabendo-lhe ainda um papel de `mestre`, conscientizando o `público` sobre a necessidade da `preservação` do patrimônio cultural e natural. Ainda temos um museu cheio de certezas, definidor de um discurso, por mais revolucionário, ainda monológico. A ideia de `museu`, em sua nova forma `integral`, ainda é nebulosa, como um `papel` (representação, imagem?) a ser desempenhado, que se configura mais ideologicamente, politicamente, socialmente do que

funcionalmente, especificamente, tecnicamente, pragmaticamente.” (Horta. 1995: 34)²

O Museu em Santiago é ainda entendido como Protagonista para a realização das actividades com a comunidade. Mas isso não lhe reduz o mérito de ter sido, de todos os documentos, o mais inovador e porque não dizer revolucionário, aquele que trouxe as maiores transformações conceituais para o contexto museológico.

O Documento de Santiago trouxe como novidade o conceito de **Museu Integral** - a instituição agora tinha o papel de trabalhar com a comunidade por meio de uma visão de Património Global- e **a ideia do museu enquanto acção.**

O Documento de Oaxtepec é redigido em 1984, no mesmo ano da Declaração de Quebec e reafirma muitas das questões apontadas e recomendadas na Mesa Redonda de Santiago do Chile e em Quebec.

Os Documentos produzidos em Quebec e em Oaxtepec trouxeram para o contexto museológico algumas discussões conceituais, pois no afã de legitimar o Movimento da Nova Museologia se criou um antagonismo entre a **Museologia Tradicional** e a **Nova Museologia**, passando a falar-se da existências de duas museologias que se revela serem antagónicas.

² M^a de Lourdes Parreira Horta. *20 anos depois de Santiago: a declaração de Caracas - 1992.* In A memória do Pensamento contemporâneo: documentos e depoimentos 1995

Para se marcar a diferença **supostamente** existente entre as “duas museologias”, criam-se quadros comparativos, com os quais se pretendiam mostrar que a Museologia Tradicional era aquela que se exercia dentro de um Edifício, com uma colecção, para um público determinado exercendo uma função educadora (educação formal); enquanto a Nova Museologia era exercida dentro de um território, trabalhando o património cultural com uma comunidade participativa. O Quadro abaixo reflecte este pensar:

• MUSEOLOGIA TRADICIONAL	• NOVA MUSEOLOGIA
• Edifícios	• Território
• Colecções	• Património
• Público Determinado	• Comunidade Participativa
• Função Educadora	• Museu entendido como um ato pedagógico para o ecodesenvolvimento.

Naquele momento, numa primeira leitura podia considerar-se que uma nova museologia se contrapunha a uma velha e arcaica museologia. Mas na verdade o que ocorreu com a “ciência” museológica, assim como em todas as outras ciências sociais é um despertar para tudo o que estava acontecendo no mundo contemporâneo, através de uma percepção mais aguçada das transformações ocorridas na sociedade e uma busca em se actualizar e agir mais contemporaneamente e, não o surgimento de uma outra museologia.

Não se pode falar na existência de duas museologias, pois o que na verdade ocorre são duas formas diferentes de se actuar na “ciência” museológica. Pode-se dizer, que uma dessas forma é aquela que se preocupa basicamente com questões administrativas, documentais e preservacionistas do objecto; a outra forma de actuação está mais voltada para as necessidades e anseios sociais, assim como trabalha com a ideia de património entendido na sua globalidade e, as acções de preservação, conservação e documentação, pesquisa são feitas a partir dessa noção mais global do património. É evidente que no final do século XX e início do próximo milénio é cada vez mais (ou não) possível actuar nas ciências sociais de costas voltadas para o homem e para o mundo que nos rodeia, mundo este recheado de diferenças, dicotomias e pluralidade de culturas.

O Texto da Declaração de Quebec não traz em si novidades conceituais, mas a sua importância deve-se ao facto de ter reconhecido a existência do Movimento da Nova Museologia, tendo assim legitimado uma pratica museológica mais activa, socializadora, dialógica e internacionalmente autónoma.

A América Latina chega a Década de 90 tendo o Sistema “democrático” formal como um facto, apesar de em alguns casos esse mesmo sistema estar desenquadrado das realidades sócio- culturais das nações Latino Americana. A adopção do sistema democrático em parte foi uma decepção para os povos latino- americanos, pois a sua implantação não provocou a alteração sensível do sistema sócio/económico/cultural esperado pela população.

A economia capitalista provocou o aumento da crise, acelerou a alteração de valores e a desintegração sociocultural das

comunidades; além de marcar um maior contraste entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos.

A grande mudança ou novidade ocorrida na Declaração de Caracas, realizada em 1992, é a evolução do conceito de museu integral para o conceito de museu integrado. Esta Declaração faz uma releitura do documento produzido em Santiago constatando a vigência de muitos de seus postulados e as suas influências no conceito actual do Museu.

Na Declaração de Caracas já não cabe ao museu o papel do mestre, já não é um museu cheio de certezas, que define o seu monólogo. Pois, o que se busca neste momento, é que a instituição encontre espaço para o diálogo e que a função pedagógica, referida na Declaração do Rio de Janeiro em 1958, se transforme em missão comprometida que se traduz numa pratica fortalecida pela teoria museológica e pela elaboração de documentos básicos.

Em Santiago discute-se o conceito de património global, mas é em Caracas que se fala da comunidade como co-gestora destes bens, possuidora de uma visão própria e com seus próprios interesses.

Caso observemos mais atentamente os Documentos da Mesa Redonda de Santiago e a Declaração de Caracas perceberemos muitos pontos em comum:

- Ambas as Declarações denunciam a desigualdade e a injustiça;
- Reflectem sobre o papel das organizações museológicas na América Latina;
- Reconhecem o museu como Instituição ao serviço da comunidade;
- Reivindicam para o museu um papel de transformador social;

- E, entendem o museu como espaço dinâmico que propicia e estimula a consciência crítica, além de em um instrumento para o desenvolvimento e afirmação da identidade.

“Confrontando as duas declarações, podemos dizer que se a declaração de Santiago é a tomada de consciência de que os museus poderão contribuir de alguma maneira para o desenvolvimento da sociedade e para a melhoria da sua qualidade de vida, a declaração de Caracas é já uma posição de consolidação da museologia no seio da sociedade ” (PEDROSO DE LIMA. 1993: 91-92).³

Além dos Conceitos de Museu Integral e Integrado, estas cinco Declarações trouxeram várias mudanças que se foram legitimando e deram uma nova expressão à museologia no século XX.

O museu passa a actuar, independentemente da sua tipologia e do seu acervo, como um canal de comunicação e reforça-se como interventor social; redefine-se novas práticas museográficas que visam uma maior eficácia da acção museológica. Dá-se início ao processo de implantação de cursos Universitários para a formação de profissionais que atuem na Museologia e, consolida-se o processo de construção da Museologia enquanto Ciência Social. Novas tipologias de museus surgem e se legitimam, é o caso dos museus ao ar livre, Ecomuseus, museus de vizinhança, museus locais...

³ A evolução de Conceitos entre as Declarações de Santiago e de Caracas. In: Cadernos de Museologia n.º 01. Francisco PEDROSO DE LIMA.

4- CONCLUSÃO

“ Uma cultura é avaliada no tempo e se insere no processo histórico não só pela diversidade dos elementos que a constituem, ou pela qualidade de representação que dela emergem, mas sobretudo por sua continuidade. Essa continuidade comporta modificações e alterações num processo aberto e flexível de constante realimentação, o que garante a uma cultura a sua sobrevivência. Para seu desenvolvimento harmonioso, pressupõe a consciência de um largo segmento do passado histórico.”

ALOÍSIO DE MAGALHÃES.

A fundamentação básica para a elaboração desse trabalho foi a análise dos cinco documentos produzidos entre os anos de 1958 e 1992 e, para tanto fez-se necessário entender os conceitos de museu e museologia entendidos em suas relações com o processo histórico, assim como as influências que os referidos documentos exerceram nesta evolução.

O ICOM, apresenta nos seus Estatutos do ano de 1995 a seguinte definição de museu:

“uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que realiza investigações que dizem respeito aos testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, adquire os mesmos, conserva-os, transmite-os e expõe-os

especialmente com intenções de estudo, de educação e de deleite.

(a) A definição de museu acima dada deve ser aplicada sem nenhuma limitação resultante do tipo da autoridade tutelar, do estatuto territorial, do sistema de funcionamento ou da orientação das colecções da instituição em causa;

(b) Além dos "museus" designados como tal, são admitidos como correspondendo a esta definição:

(i) os sítios e os monumentos naturais, arqueológicos e etnográficos e os sítios e monumentos históricos que possuam a natureza dum museu pelas suas actividades de aquisição, de conservação e de transmissão dos testemunhos materiais dos povos e do seu meio ambiente;

(ii) as instituições que conservam colecções e que apresentam espécimes vivos de vegetais e de animais tais como os jardins botânicos e zoológicos, aquários, viveiros;

(iii) os centros científicos e os planetários;

(iv) os institutos de conservação e galerias de exposição que dependem das bibliotecas e dos centros de arquivo;

(v) os parques naturais;

(vi) as organizações nacionais, regionais ou locais de museu, as administrações públicas de tutela dos museus tal como foram acima definidas;

(vii) as instituições ou organizações com fins não lucrativos que exercem actividades de investigação, educativas, de formação, de documentação e outras relacionadas com os museus ou a museologia;

(viii) qualquer outra instituição que o Conselho executivo, segundo opinião da Comissão consultiva, considere como detentoras de algumas ou da totalidade das características de um museu, ou que possibilite aos museus e aos profissionais

de museu os meios de fazerem investigações nos domínios da museologia, da educação ou da formação.” (Estatutos do ICOM. 1995:2-3)⁴

Sublinhamos o ponto (vii) por considerarmos que a museologia contemporânea, tem vindo a manifestar a sua maior vitalidade, criatividade e empenhamento muito para além do que se convencionou, desadequadamente, “dever ser um museu”, a revelia do que o próprio ICOM reconhece.

Entretanto neste trabalho entende-se por museu um espaço institucionalizado ou não, onde as relações do homem - sujeito que conhece- e o facto museal –testemunho da realidade- se estabelecem. Esta realidade tem a participação do homem que possui o poder de agir e portanto estabelecer sua acção modificadora.

Durante o século XX, vários factores contribuíram para a mudança/ alteração/ transformação do conceito de museus principalmente após a IIª Guerra Mundial e, segundo Peter Van Mensch (MENSCH. 1989: 49-50), esses factores se fundamentaram em muitas das sugestões indicadas nos Documentos estudados para a elaboração deste trabalho. São eles:

- a mudança do foco de estudo do objecto para a comunidade. O museu passa a ser feito com a comunidade para responder às suas necessidades. Conservar objectos já não é mais o único objectivo da instituição; a herança cultural dever ser entendida como um elemento a disposição do homem e seus descendentes, ajudando-os a construir uma nova estrutura sócio- política- económica- cultural;

⁴ Estatutos do ICOM. 1995.

- o conceito de objecto cultural foi dilatado e nas actuais abordagens as questões como a tangibilidade, raridade e mobilidade passam a ser questionáveis. A herança cultural transcende o materialismo que caracterizava a política de aquisição;
- há uma tendência para a preservação in situ. O objecto museal deve ser preservado em seu contexto original, para que seu significado seja globalmente entendido;
- O conceito de museu “tradicional”, centralizado e fortemente institucionalizado está desgastado com isso surge os conceitos de museu descentralizado, integral, integrado, museu como factor de desenvolvimento social e museu enquanto acção;

Assim, uma instituição que fundamente as suas actividades nestes pressupostos presta-se, não apenas à preservação selectiva de alguns aspectos culturais de uma sociedade, mas a partir de instrumentos de acção e reflexão com o qual irá dotar os membros que a compõe.

Apesar de parte dos profissionais da museologia contemporânea tentarem através da actuação e militância, aplicar o binómio de integração: comunidade/museu, uma visão tradicional ainda sobrevive contrapondo-se as mudanças de percepção do mundo e, nesta visão onde o social ainda não é privilegiado, questões como bem cultural e cidadania ainda são entendidos de forma elitista e excludente.

“Es indispensable una visión de la realidad integrada, que contrarreste la parcelación de la división técnica, social e internacional del trabajo.(...) Concentrar el patrimonio en un edificio modifica el contexto original que le corresponde. La

consideración del espacio territorial com âmbito museográfico de una relidad completa calora dicho contexto.”⁵ (Declaração de Oaxtepec – 1984.)

Baseando-se nesta abordagem, pode-se afirmar que quando o acto de preservar ocorre de forma descontextualizada e sem objectivo de uso, não se justifica. É preciso que a preservação seja entendida como um instrumento para o exercício da cidadania. A acção preservacionista deve ser um acto público transformador que proporcione a plena apropriação do bem pelo sujeito.

O exercício da cidadania só ocorre quando o indivíduo conhece a realidade na qual ele está inserido, a memória preservada, os acontecimentos actuais, entendendo as transformações e buscando um novo fazer.

A necessidade de um fazer museológico mais participativo, integrado à comunidade, é algo tratado desde Santiago, mas nos aportando das Recomendações que constam da Declaração de Caracas podemos afirmar que:

“Que o museu busque a participação plena de sua função museológica e comunicativa, como espaço de relação dos indivíduos e das comunidades com seu património e, como elos de integração social, tendo em conta em seus discursos e linguagens expositivas os diferentes códigos culturais, permitindo seu reconhecimento e sua valorização.”⁶(Declaração de Caracas . 1992)

⁵ *Declaração de Oaxtepec.* México- 1984

⁶ *Declaração de Caracas.* Venezuela. 1992.

Com as transformações na sociedade, surge a necessidade de um fazer museológico de maior intervenção social. Oficialmente essa museologia participativa e comunitária se legitima através da elaboração de documentos básicos para a museologia como a Mesa Redonda de Santiago do Chile, Declaração de Quebec, Declaração de Oxatepec, e a Declaração de Caracas, documentos importantes na medida que levam a uma mudança na forma do museu compreender o homem e as suas relações; o bem cultural que passa a ser trabalhado não só por suas características intrínsecas, mas por toda gama de informação que estão além destas e, uma nova conceituação de museu e museologia.

Por conta das transformações ocorridas na forma de entender a museologia Waldisa Rússio trouxe para esta área do conhecimento um novo conceito, o de **Facto museal**. Entendido como a relação que se estabelece ente o homem (sujeito que conhece) e o objecto (bem cultural) num espaço (cenário); sendo esta relação que passa a ser alvo de estudo da museologia Para Waldisa as mudanças ocorridas no mundo levaram os profissionais da museologia a buscarem uma maior aproximação com a dinâmica da vida do indivíduo, sendo assim a museologia actual já não se limita ao estudo dos objectos e alargando assim o seu campo de actuação.

Podemos dizer, que a museologia tomando como base o Património Cultural –que é fruto do fazer e saber fazer do homem e, continuando a desenvolver as funções básicas de colecta, documentação, conservação, exposição e acção cultural, todas elas direccionadas ao fazer educativo- cultural na tentativa de despertar a consciência crítica do indivíduo, leva-o assim a reapropriação da memória colectiva e ao direito do exercício da sua cidadania.

Durante todo o século XX, a preocupação com a acção educativa dos museus é uma realidade que se intensifica a medida que a educação passa, também, a ser entendida como uma das funções básicas dos museus. Com isso as transformações ocorridas nas Ciências da Educação, principalmente a partir da década de 60, influenciaram profundamente o entendimento de acção educativa desenvolvida por estas instituições.

Historicamente a Ciência da Educação foi entendida em alguns momentos com uma concepção individualista do educar e em outros com uma concepção socializadora. A primeira concepção baseava-se no facto de que se todos os indivíduos são diferentes, a educação deveria respeitar essas diferenças e adaptar seus métodos e suas técnicas para educar diferentemente cada indivíduo. Já a Segunda concepção da educação baseava-se no princípio de que cada ser humano é parte integrante de grupos sociais e que portanto o acto de educar deve priorizar a integração do indivíduo na sociedade; a educação socializadora consiste no pressuposto de que há uma supremacia da sociedade sobre o indivíduo.

Em meio a estas duas concepções da educação surgiram, durante o século XX novos conceitos de educação, mais voltados para o processo de construção do saber, conduzindo assim ao aprendizado pleno. É um processo educativo que tendo por base o questionamento de uma educação passiva e vertical propõe uma educação baseada no Saber Fazer, Aprender Fazendo e questionando, acreditando-se que somente assim o educando atingiria o Saber Pleno e Real.

Por entender que a maior potencialidade dos museus é a sua acção educativa e, a educação verdadeira é aquela que serve à

libertação, questionamento e reflexão, é que alguns profissionais da museologia trouxeram, a partir da década de 70, para o “mundo dos museus”, o método de Paulo Freire.

Com muita brevidade poderíamos dizer que a teoria de Paulo Freire baseia-se na colaboração, união pela libertação, síntese cultural, diálogo, criatividade, reflexão crítica e na negação da educação repressora*. Sendo assim uma teoria/prática educativa que compreende o indivíduo como ser participativo que busca, em colaboração com outros indivíduos, a emersão da consciência e do saber.

*“Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.”*⁷. (FREIRE. 1981:69)

Baseada em Paulo Freire, e não só, a acção educativa museológica deve criar situações que levem, os sujeitos envolvidos, à reflexão e ao desenvolvimento. Somente desta forma estará contribuindo para uma educação que seja dialógica e libertadora, onde os indivíduos estejam capacitados a transformarem a sua realidade.

Em meio as actuações museológicas, entende-se as acções culturais e educativas como os instrumentos mais viáveis dos quais se pode utilizar o património cultural como vector capaz de proporcionar a construção de uma progressiva compreensão das diversas camadas estruturais que norteiam sua dinâmica.

* Aquela que é denominada pelo autor como Educação Bancária

⁷ Paulo Freire. *Pedagogia do Oprimido*. 1981

Com as mudanças ocorridas nos conceitos de museu e museologia e as novas necessidades sociais, houve também uma redefinição das funções educativas no âmbito dos museus. Os teóricos da museologia unem-se num esforço de formação de uma corrente reflexiva sobre o papel da acção museológica no campo educativo. E esta preocupação está patente em todos os cinco Documentos analisados e discutidos neste trabalho.

A acção museológica deve criar situações que levam ao desenvolvimento e à reflexão da comunidade. Somente desta maneira estará contribuindo para uma educação que seja dialógica e libertadora, onde os indivíduos estejam capacitados a transformarem sua realidade. Este aspecto da museologia contemporânea é percebido no momento que o museu passa a ser considerado espaço de comunicação e trocas de saberes.

Por esta razão, a instituição Museu é valorizada não só pelo seu património edificado e suas colecções, mas também, e sobretudo, pela sua representatividade perante a comunidade na qual se insere.

Como resultado destas novas tendências de pensamento, a museologia actual consta com mais uma vertente: a museologia social cuja característica fundamental é a valorização do homem como sujeito participativo, crítico e consciente da sua realidade, facto que a nosso ver transcende a valorização da cultura material desvinculada da realidade social.

BIBLIOGRAFIA

- 01- ARAUJO, Marcelo & BRUNO, Cristina. *A memória do pensamento contemporâneo. Documentos e Depoimentos*. Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.
- 02- BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. Ed. Perspectiva. Col. Debates Semiologia, 1968.
- 03- CARVALHO, Ione. *Museus Didáticos Comunitários*, s/d.
- 04- CHAGAS, Mário de Souza. *Museália*. JC Editora, 1996.
- 05- CHAGAS, Mário de Souza *Um novo (velho) conceito de museu*. In Cadernos de museologia. Lisboa, n.º 02, ULHT, 1993
- 06- FERNANDEZ, Luis Alonso. *Museologia Introducción a la teoría y práctica del museo*. Fundamentos Maior, 1993.
- 07- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Ed. Paz e Terra, 1996.
- 08- FREIRE, Paulo *Educação e mudança*. Ed. Paz e Terra, 1997
- FREIRE, Paulo *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 18ª ed. 1987.
- 09- FREIRE, Paulo *Pedagogia da Esperança*. Ed. Paz e Terra, 1997.
- 10- FREIRE, Paulo -. *Pedagogia do Oprimido*. Ed. Paz e Terra, 1990.
- 11- LIMA, Francisco Pedroso de. *A Evolução entre as declarações de Santiago e de Caracas*. In: Cadernos de Museologia. Centro de Estudo de Sócio- Museologia. ISMAG/ ULHT. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. n.º 1-1993
- 12- MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil*. Editora Nova Fronteira. Fundação Nacional Pró Memória. Rio de Janeiro. 1985.

- 14- MEDEIRO CONSTANCIA, João Paulo. *A evolução de conceitos entre as declarações de Santiago e de Caracas*. In: Cadernos de Museologia. Centro de Estudo de Sociomuseologia. ISMAG/ ULHT. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1- 1993.
- 15- MENEZES, Luís. *A Evolução de conceitos entre as declarações de Santiago e de Caracas*. In: Cadernos de Museologia. Centro de Estudo de Sócio- Museologia. ISMAG/ ULHT. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 1- 1993.
- 16- MOUTINHO, MÁRIO C. *Museus e Sociedade*. Cadernos de Património, 1989.
- 17- RUSSIO, Waldisa. *O desafio museológico. Metodologia da museologia*, s/d.
- 18- SANTOS, M.^a Célia Teixeira Moura. *Algumas considerações sobre museologia*. Texto extraído da dissertação de mestrado: “O museu do Instituto de Pré-história: Um museu a Serviço de Pesquisa científica.” UFBA, s/d.
- 19- SANTOS, M.^a Célia Teixeira Moura. *Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus*. Universidade Federal da Bahia Edições, 1990.
- 20- SOLA, Tomislav. *Contribuição para uma possível definição de museologia*, s/d.
- 21- SOLA, Tomislav. *Identidade - Reflexões sobre um problemas crucial para os museus*. In Cadernos museológicos n.º 01, 1989.
- 22- VARINE, Hugues de. *O tempo social*. Livraria Eça Editora, 1987